

Conferência Internacional

O Superior Interesse da Criança No Processo de Adoção: Realidades, Desafios e Mudanças

A Liberdade ou o Amor. Mães presas: Que opções para os filhos

Isabel Nery

Sou uma das 24 crianças que vivem na prisão de Tires com as mães¹. Vim para cá aos 3 anos porque a minha mãe fez uma asneira: andou a vender droga. Eu sabia que ela não era a única. Quando cá cheguei os crescidos explicaram-me que mais de 50% das outras mulheres fizeram o mesmo que a minha mãe.²

Já me tinham dito que não era certo fazer isso, mas a minha mãe dizia que precisava do dinheiro para podermos viver³. Quando lhe perguntavam a profissão, ela respondia: «Traficante de droga». Costumava dizer que crime era matar e nós não estávamos a matar ninguém. Uma vez expliquei-lhe que matava na mesma, só que era aos bocadinhos. Mas ela disse-me que eu não sabia do que estava a falar. Acho que o juiz concordou comigo porque decidiu que ela tinha de ficar presa oito anos. Ficou zangado por ela ser reincidente e castigou-a mais ainda.⁴

Foi triste ver a minha mãe ser presa⁵. Nem me deram tempo para crescer. Cresci num instante. Gostava de ter ficado com o meu pai, mas ele não quis. Parece que costuma ser assim com a maioria dos meninos. Ouvi os crescidos dizerem que iam procurar uma instituição para mim e fiquei assustado⁶. Queria a minha mãe. Ainda pensaram em deixar-me com a minha avó, mas ela também já esteve presa e o juiz não gostou da ideia.

Quando me puseram na casa de acolhimento fiquei muito zangado. Parti a porta com pontapés e gritei até me cansar. Às vezes não sei porque são os adultos a tomar conta de nós. Não percebem nada de nada! A minha mãe diz que gosta muito de mim e que vamos ficar juntos, mas como é que eu posso confiar? Ela sabia que corria o risco de ser presa. Já tinha acontecido à nossa vizinha. E à minha tia. Se ela gostasse mesmo de mim não fazia nada que desse razões à polícia para a levar...

¹ Na creche da cadeia de Tires há 19 crianças a passar o dia, enquanto as mães cumprem pena.

² Mais de 50% das reclusas estão presas por tráfico de droga.

³ Entre as reclusas, 16,9% não sabem ler nem escrever.

⁴ Estudos apontam para 30 a 50% de reincidência entre as mulheres reclusas em Portugal. Nos EUA a taxa é de 50 por cento.

⁵ Das 16 mulheres entrevistadas em Tires e Santa Cruz do Bispo, oito foram mães depois da condenação e seis engravidaram de propósito para terem companhia na cadeia.

⁶ A Casa da Criança fica mesmo ao lado do EP de Tires, mas os filhos da reclusas só visitam as mães duas vezes por semana.

Na altura pensei assim, mas depois fiquei a saber que ela tinha apanhado mais tempo de cana por se ter recusado a denunciar os outros traficantes⁷, que ameaçaram fazer-me mal se ela falasse. Acho que ela foi corajosa, mas só percebi isso depois.

Naquela primeira noite na casa de acolhimento fiz xi-xi na cama⁸. Tive tanta vergonha! Mas não pensem que fui o único. Ouvi uma senhora explicar ao telefone à minha mãe que era normal. Acontecia à maior parte dos meninos que eram separados das mães. Se calhar, só quando estamos a dormir é que temos coragem para admitir que temos medo...

Tenho saudades do meu irmão. Já estivemos juntos na cadeia com a minha mãe. Nessa altura era como se fossemos uma família. Só não podíamos sair da cela depois de nos fecharem, às sete da tarde⁹. Havia noites em que me custava a adormecer e ficava a gritar pelos outros meninos meus amigos. Mas não adiantava nada. As guardas não abriam as celas por nada.

O meu irmão ficou com a minha mãe na cadeia. Eu não podia continuar lá porque já tinha quase 5 anos. Disseram-me que há uns senhores que estudam estas coisas e perceberam que ficamos com dificuldades de aprendizagem¹⁰ e não sabemos tão bem estar com as outras pessoas se continuarmos na cadeia depois dos 3 anos.

Eu disse que percebia e aceitei vir para a Casa da Criança, mas não percebi nada. Vivi vários anos na prisão. Tínhamos brinquedos, televisão e até fazíamos passeios. É verdade que a primeira palavra que disse foi «bófia», mas qual é o mal!? Conheço-os bem. Odeio-os! Foram eles que prenderam a minha mãe. São maus. Gostava de ser *Power Ranger* para atacar os polícias.

Na cadeia havia uns muros muito altos, mas não me sentia preso. Até achava graça ver a bola a desaparecer por trás daquela parede enorme¹¹. Gostava que me tivessem perguntado o que eu queria.

Ouvi dizer que há outros países onde nem sequer deixam as crianças ficar com as mães¹². Acho que são muito parvos. Prefiro estar na prisão com a minha mãe do que numa casa de acolhimento onde não conheço ninguém, e ainda me obrigam a comer com muita gente e a deitar sempre cedo.

⁸ A Casa da Criança é a única instituição portuguesa criada para acolher filhos de delinquentes.

⁹ Nos EUA, as reclusas passam 17 horas por dia fechadas na cela. Em Portugal, 13 horas.

¹⁰ O afastamento da mãe é sempre traumático. As crianças que crescem nas instalações prisionais têm falta de estimulação cognitiva. Mas, uma vez fora de muros, rapidamente acompanham as crianças da mesma idade.

¹¹ Para os adultos, os muros prisionais são de exclusão, mas para as crianças pequenas podem ser de abrigo.

¹² Nos EUA, mais de metade das presas não são visitadas pelos filhos. O sistema está mais comprometido com o castigo do que com a reabilitação.

O José já saiu. O Filipe também. Ainda me lembro da Joaquina... Eu sou o mais velho da Casa. Fiz cá muitos amigos, mas vão-se todos embora. Eu também vou – antes do Verão! A minha mãe prometeu.

Promessas. Os adultos são muito bons a dizerem aos outros como se devem comportar. Era bom que soubessem mais da vida do que nós. Dizem que sim, mas às vezes tenho muitas dúvidas. O meu pai também já tinha prometido que me levava para casa, só que voltou a fazer asneira e a bófia levou-o outra vez...

Se eu pudesse transformava isto tudo numa casa gigante, onde pudéssemos morar todos. Antes do verão a minha tia vem-me buscar. A mim e ao meu irmão. Depois é só esperar que a minha mãe venha – e voltamos a ser uma família outra vez.

NB: Texto escrito a partir dos testemunhos e dados da obra *As Prisioneiras - Mães Atrás das Grades*, livro que resultou de vários meses de reportagem no Estabelecimento Prisional (EP) de Tires, nos arredores de Lisboa, no EP de Santa Cruz do Bispo, no norte do País, e Rhode Island, nos EUA. Para esta reportagem foram entrevistadas mais de vinte reclusas em estabelecimentos prisionais portugueses e norte-americanos.

Abril de 2013